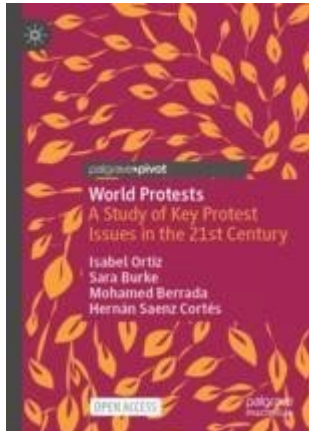


Protestos Mundiais:

Um resumo das questões-chave do século 21

Por Isabel Ortiz, Sara Burke, Mohamed Berrada e Hernán Saenz Cortés¹



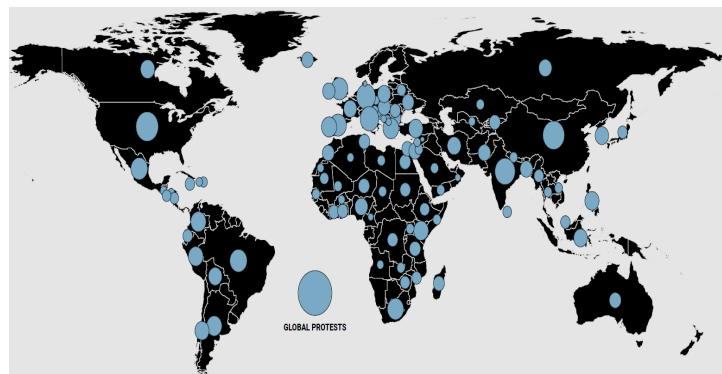
A publicação "[Protestos Mundiais: Um estudo das principais questões de protesto no século 21](https://worldprotests.org/)" (Palgrave Macmillan, 2022) analisa 2.809 protestos que ocorreram entre 2006 e 2020 em 101 países, abrangendo mais de 93% da população mundial.² Concentra-se em: (i) principais queixas que impulsionavam os protestos mundiais, (ii) quem eram os manifestantes, (iii) que métodos de protesto utilizavam, (iv) a quem os manifestantes se opunham, (v) o que era alcançado, (vi) repressão envolvendo prisões, ferimentos e mortes, e (vii) tendências como o aumento dos protestos de mulheres e de direitos radicais e das fontes árabes e da América Latina. Um anexo apresenta 250 métodos de protesto não violento. Esta pesquisa mostra que a instabilidade política global está aumentando em paralelo com o aumento da desigualdade. As exigências das pessoas em todo o mundo têm muito em comum: a maioria delas está em total conformidade com os Direitos Humanos e com os objetivos de desenvolvimento das Nações Unidas, acordados internacionalmente. O estudo recomenda que os formuladores de políticas escutem e ajam de acordo com

as demandas dos manifestantes, sejam suas mensagens totalmente articuladas ou apenas expressas através da frustração e até mesmo da violência.

Nos últimos anos, o mundo tem sido abalado por protestos, desde a Primavera Árabe até os "coletes amarelos", desde o movimento Ocupacional até a revolta social no Chile e na América Latina. Houve períodos na história em que um grande número de pessoas se rebelou contra a forma como as coisas eram, exigindo mudanças, como em 1848, 1917 e 1968. Hoje, vivemos outro período de crescente indignação e descontentamento com alguns dos maiores protestos da história mundial.

Protestos Mundiais 2006-2020 <https://worldprotests.org/>

A partir de 2006, houve um aumento constante de protestos a cada ano até 2020. Quando a crise financeira global começou a se desenvolver em 2007-8, observamos um primeiro salto no número de protestos. As demonstrações se intensificaram com a adoção de cortes de gastos/ reformas de austeridade em todo o mundo, após 2010. O descontentamento com o funcionamento dos governos atingiu seu auge em 2012-13, quando as pessoas protestavam contra a falta de uma verdadeira democracia e a pouca

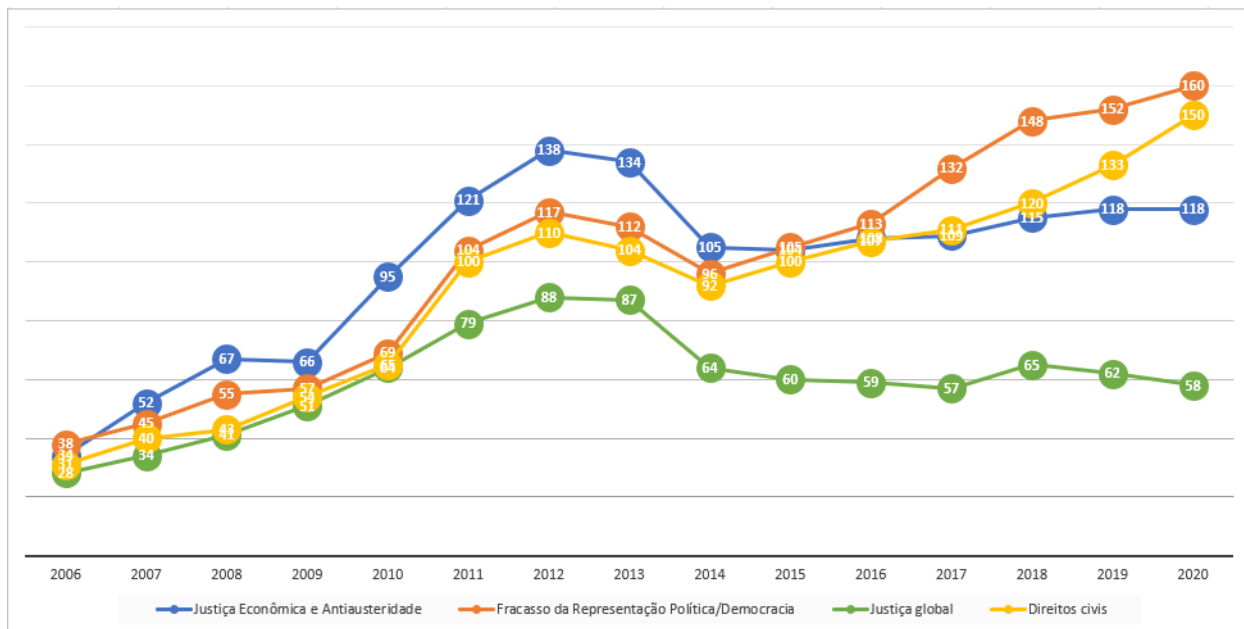


¹ Isabel Ortiz é Diretora do Programa de Justiça Social Global na Iniciativa para o Diálogo Político, Nova York; Sara Burke é Analista Sênior de Políticas no Escritório Friedrich-Ebert-Stiftung de Nova York; Mohamed Berrada é Economista Sênior/Consultor Independente em Casablanca e Hernán Saenz Cortés é Analista de Relações Internacionais em Bruxelas.

² A pesquisa compila dados de 15 anos de notícias disponíveis on-line, principalmente em seis idiomas (alemão, árabe, espanhol, francês, inglês e português); veja o site companheiro: <https://worldprotests.org/>

responsabilidade dos tomadores de decisão perante o povo. Desde 2016, novamente os protestos se intensificaram muitas vezes se tornando “abrangentes” (protestos sobre múltiplas questões) contra o sistema político e econômico. As pesquisas em todo o mundo refletem a insatisfação com as democracias e a falta de confiança nos governos. Décadas de políticas neoliberais geraram grandes desigualdades e corroeram a renda e o bem-estar das classes baixa e média, alimentando sentimentos de injustiça, desapontamento com as democracias em mau funcionamento e frustração com as falhas no desenvolvimento econômico e social. Em 2020, a pandemia do coronavírus acentuou a agitação social.

Aumento do Número de Protestos Mundiais por Queixas/Demandas, 2006-2020



Fonte: Ortiz, Burke, Berrada and Saenz Cortes, 2022: [World Protests: A Study of Key Protest Issues in the 21st Century](#)

Os protestos têm aumentado em todas as regiões do mundo. O estudo encontrou uma maior prevalência em países de renda média (1.327 eventos) e países de renda alta (1.122 protestos), em comparação aos países de renda baixa (121 eventos). Curiosamente, o período 2006-2020 reflete um número crescente de protestos globais (239 eventos), organizados entre regiões. Esses protestos mundiais não foram aleatórios nem desorganizados, sua maioria foi planejada e suas demandas foram articuladas. As principais queixas e causas da indignação foram:

- **Fracasso da Representação Política/Democracia:** 1.503 protestos estavam relacionados à falta de democracia real; corrupção; falha no acesso à justiça do sistema jurídico; questões de soberania e patriotismo; transparência e responsabilidade; percepção do poder de um governo profundo ou oligarquia; antiguerra ou contra o complexo militar-industrial; vigilância dos cidadãos; e antissocialismo e anticomunismo.
- **Justiça Econômica e Antiausteridade:** 1.484 protestos sobre questões relacionadas a empregos, salários e/ou condições de trabalho; reforma dos serviços públicos; influência corporativa, desregulamentação e privatização; desigualdade; justiça fiscal e tributária; baixo padrão de vida; reforma agrária/fundiária; altos preços de combustível e energia; reforma previdenciária; habitação e altos preços de alimentos.
- **Direitos civis:** 1.360 protestos sobre direitos étnicos/indígenas/raciais; direito ao cidadão comum (digital, terrestre, cultural, atmosférico); liberdade de reunião, de expressão e de imprensa; direitos das mulheres e meninas; direitos trabalhistas; direitos LGBT e sexuais; direitos dos imigrantes; liberdades pessoais; direitos dos prisioneiros e questões religiosas. Nesta categoria foram acrescentados aqueles protestos radicais de direitos que negavam ou rejeitavam direitos iguais para um grupo (por exemplo, minorias).
- **Justiça Global:** 897 protestos a favor da justiça ambiental e climática; contra o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a União Europeia/Banco Central Europeu; contra o imperialismo (Estados Unidos, China); contra o livre comércio; em defesa dos bens comuns globais e contra o G20.

Um perfil dos protestantes revela não apenas os manifestantes tradicionais (ativistas, ONGs/OSCs, sindicatos); como também, classes médias, mulheres, estudantes e jovens, pensionistas, indígenas, grupos étnicos e raciais e outros cidadãos de base que protestavam ativamente na maioria dos países. Esses cidadãos não se consideram ativistas e, ainda assim, protestam, porque estão desiludidos com os processos oficiais, partidos políticos e outros atores políticos usuais associados a eles. O envolvimento maciço da classe média em protestos indica uma nova dinâmica: uma solidariedade pré-existente da classe média com as elites foi substituída, em muitos países, por uma falta de confiança e consciência de que o sistema econômico prevalecente não está produzindo resultados positivos para ela.

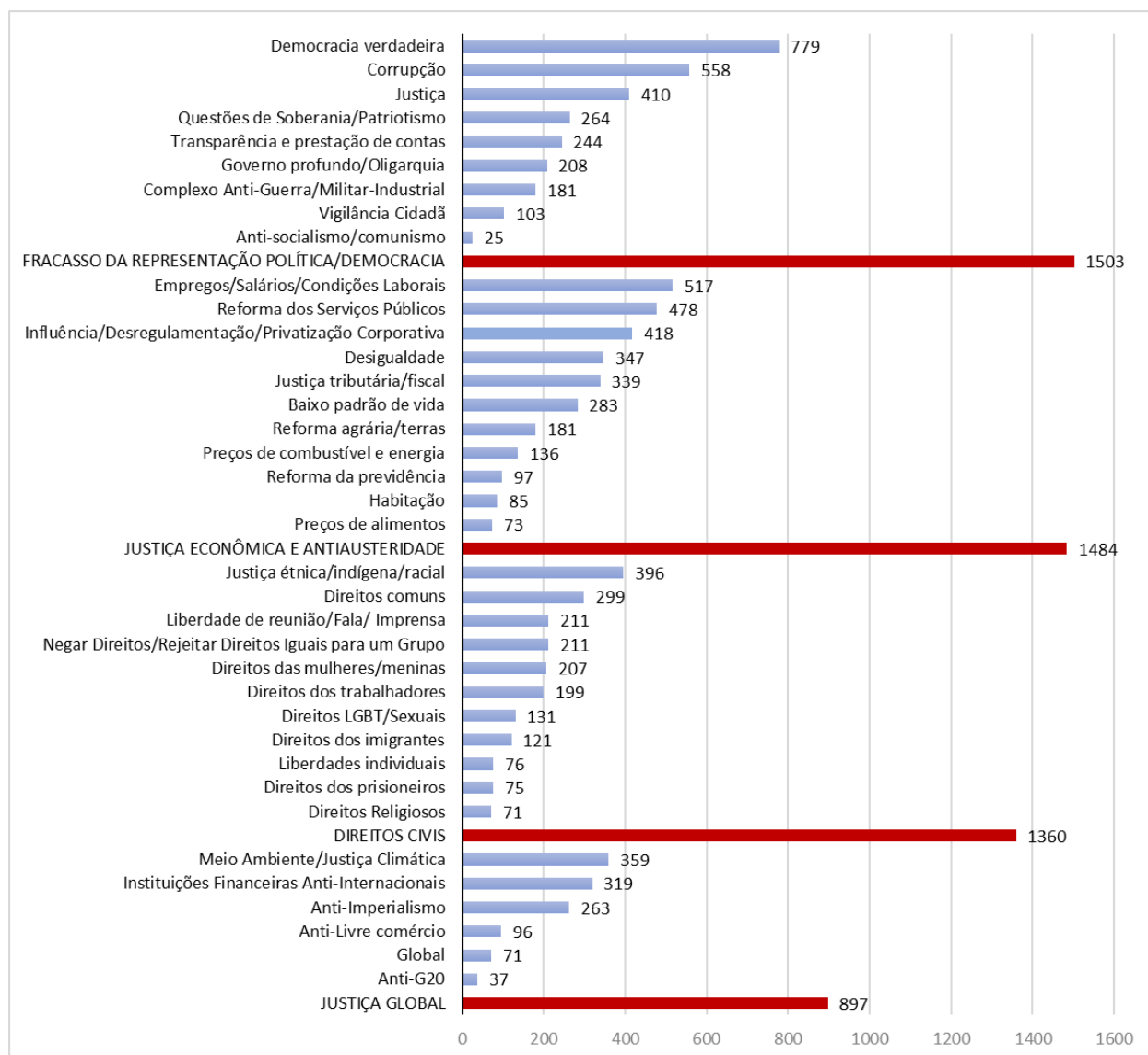
Não apenas o número de protestos tem aumentado, mas também o número de manifestantes. As estimativas quantitativas sugerem que, em pelo menos 52 eventos, estiveram presentes um milhão ou mais de manifestantes. O período 2006-2020 experimentou alguns dos maiores protestos da história mundial, sendo que o maior registrado foi a greve de 2020, na Índia, contra o plano do governo para liberar a agricultura e a mão-de-obra, estimado em 250 milhões de manifestantes. Enquanto a esmagadora maioria dos grandes protestos estava relacionada a questões progressistas, tais como mais e melhores empregos, salários e pensões; investimentos em saúde, educação e serviços públicos; proteção dos agricultores; ação sobre mudanças climáticas; justiça racial; mulheres e direitos civis; contra cortes de austeridade fiscal, corrupção e desigualdade, vários protestos foram liderados por grupos de direitos radicais, tais como os protestos de QAnon, em 2020, nos Estados Unidos e, globalmente; oposição aos muçulmanos, migrantes e refugiados na Alemanha, ou os protestos contra o Partido dos Trabalhadores no Brasil, em 2013 e 2015.

Os protestantes usaram uma ampla gama de métodos. Este estudo identificou 250 métodos de protesto não-violento, apresentados em um anexo do livro, atualizando Sharp's (1973) "198 métodos de ação não violenta." Nossa pesquisa descobriu que marchas e assembleias de protesto (ou comícios), bloqueios, greves e ocupações, bem como o ativismo da Internet, eram os métodos mais comuns de protesto. O período 2006-2020 também capta o advento de uma nova era de desobediência civil/ação direta realizada por hackers e denunciadores de computadores, que "vazaram" enormes quantidades de dados governamentais e corporativos, e por advogados que lançaram processos/litígios para avançar no progresso social e ambiental. Ao contrário das percepções públicas, tumultos e protestos envolvendo violência e vandalismo/saques representaram apenas 20% do total. Embora utilizados apenas por alguns, 5% dos protestos registraram métodos desesperados como greves de fome e violência auto-infligida (por exemplo, auto-imolação, manifestantes costurando seus próprios lábios).

A quem os manifestantes se opõem? O alvo mais frequente dos manifestantes é, na grande maioria, seu próprio governo nacional - como a instituição legítima responsável pela elaboração de políticas para os cidadãos. Cerca de 80% de todos os protestos exigem que os governos assumam a responsabilidade pelas políticas econômicas, sociais e ambientais para que todos sejam beneficiados, ao invés de poucos. Os protestantes se opõem ainda a sistemas/instituições distantes, consideradas irresponsáveis, como o sistema político e econômico (30%), corporações/empregadores (23%), União Europeia/Banco Central Europeu (16%), elites (14%), partidos/grupos políticos (14%), militar/policial (14%), FMI (10% - e o Banco Mundial 1%), setor financeiro (9%), livre comércio (3%), G20 (quase 3%), assim como os Estados Unidos da América (6%) e o imperialismo da China (3%).

Número de Protestos por Tópicos de queixas/demandas, 2006-2020

4



Fonte: Análise dos autores de protestos mundiais em fontes da mídia 2006-2020, consulte:

<https://worldprotests.org/>

O que os manifestantes conseguiram? Historicamente, os protestos têm sido um meio para alcançar os direitos fundamentais em nível nacional e internacional. Nossa pesquisa mostra que 42% dos protestos resultaram em algum tipo de realização demonstrável, em geral, um sucesso parcial. Raramente, o sucesso é o resultado de um único evento de protesto, mas o resultado de muitos anos de protestos concentrados na mesma queixa/demanda. Estes resultados não são necessariamente negativos, já que muitos dos protestos estão relacionados a questões estruturais de longo prazo, que podem produzir resultados no tempo; e realizações incrementais ou de curto prazo podem ser precursoras de mudanças mais abrangentes. Exigências concretas (por exemplo, aumento de salários, restabelecimento de subsídios para alimentos e combustíveis, ou interrupção da construção de infraestrutura) têm mais chances de sucesso que protestos que visem mudanças estruturais. Quanto mais estrutural for a questão (por exemplo, desigualdade, livre comércio, imperialismo) e quanto mais distantes estiverem os adversários (por exemplo, o G20, o setor financeiro, o FMI, alianças militares), mais baixos serão os índices de conquistas. Os protestos que visam governos (tanto nacionais quanto locais), autoridades religiosas, empregadores e corporações locais têm taxas de sucesso mais altas.

A repressão é documentada em mais de 60% dos episódios de protesto analisados no estudo, tomando a forma de prisões, ferimentos e mortes devido à violência organizada pelo Estado. Outros métodos de repressão relatados incluem gás lacrimogêneo, vigilância, leis de retaliação, assédio, processos judiciais, pessoas desaparecidas, pessoas deslocadas, tiros, tortura, restrições da Internet, expulsão e deportação. De acordo com reportagens da mídia, os protestos que geraram mais detenções, no período 2006-2020, foram em Hong Kong (China), Egito, França, Irã, Reino Unido, Rússia, Sudão, Chile, Malásia, México, Estados Unidos, Canadá e Camarões, com 1.000 a 10.000 detenções por protesto. Os protestos que resultaram no maior número de feridos relatados foram no Território Palestino Ocupado, assim como no Egito, Chile, Tailândia, Equador, Líbano, Argélia, Hungria e Indonésia. Em relação a mortes, os piores países foram Quirguistão, Egito, Território Palestino Ocupado, Quênia, Irã, Etiópia e Sudão. Deve-se notar que, embora as prisões e a vigilância estejam diretamente ligadas à repressão liderada pelo governo, alguns dos ferimentos e mortes podem ser resultado de confrontos violentos entre diferentes grupos.

Nos últimos anos, em todo o mundo, tem havido uma mudança de protestos populistas antiautoritários de esquerda para protestos populistas, geralmente autoritários, de extrema direita. Alguns traços comuns de protestos de direita radical incluem a condenação de sistemas políticos com alegações de corrupção e insinuações de que forças obscuras de um “estado profundo” estão conspirando para negar segurança econômica à classe média. Este é o perfil que levou ao movimento QAnon e ao assalto ao Capitólio dos Estados Unidos, bem como a conspirações de “potências europeias/estrangeiras profundas” no caso da Hungria, Polônia, Reino Unido e Turquia. Embora a raiva por trás desses protestos possa ser uma resposta racional aos sistemas políticos, que durante anos falharam em atender às necessidades econômicas das pessoas, a característica mais inquietante dessa onda populista é o número de manifestantes que exigem não apenas seus próprios direitos, mas negam direitos e status igual a grupos que eles consideram como ameaça a seus empregos ou status, como os imigrantes (por exemplo, os europeus patrióticos da Alemanha contra a islamização do Ocidente ou PEGIDA (sigla de Europeus Patriotas); o movimento “deixar a União Europeia” no Reino Unido; e alguns dos protestos “coletes amarelos” na França, Irlanda, e Canadá). Outras características incluem demandas por liberdades individuais (portar arma de fogo, não usar máscara e/ou não ficar em quarentena no contexto da pandemia), nacionalismo, patriotismo e promoção dos valores tradicionais. É o caso dos “vigilantes de vacas” na Índia de Modi, o nacionalismo muçulmano de Erdogan na Turquia., e a convenção “Munição, Bíblia e Carne” no Congresso Brasileiro, que visava derrubar o Partido dos Trabalhadores, democraticamente eleito. Muitos grupos nacionais e estrangeiros também estão fomentando a animosidade e enfraquecendo as democracias para fazer avançar seus interesses, espalhando desinformação nas mídias sociais.

Assim, no período 2006-2020, vimos protestos sendo utilizados por estas facções políticas para chegar ao poder, muitas vezes, incentivando a violência. Para combater o populismo de direita radical, as sociedades precisarão expor as contradições da política de extrema-direita, para que as pessoas possam ver por si mesmas. As sociedades também precisarão buscar políticas econômicas justas para reduzir as desigualdades e oferecer oportunidades e melhores padrões de vida para todos. O mundo não verá uma inversão da tendência de movimentos autoritários nacionalistas, a menos que sejam feitos esforços significativos para combater a polarização, a desigualdade e a desinformação.

Nossa pesquisa corrobora uma relação positiva entre níveis mais altos de desigualdade e protestos em países de alta e média renda; entretanto, não é o caso em países de baixa renda. Para aprofundar a questão, analisamos a relação entre protestos e aumentos/diminuições dos coeficientes Gini de desigualdade (subtraídos impostos e benefícios); mostrando que há mais protestos em países com desigualdade crescente e vice-versa, menos protestos em países nos quais a desigualdade está sendo reduzida. A análise dos dados também mostra uma correlação entre a porcentagem de pessoas que acreditam que os governos servem a poucos e o número de protestos por país.

Outra tendência importante é a crescente importância dos protestos a favor dos direitos das mulheres e meninas tanto em nível nacional quanto global. O movimento global #MeToo (2017) que denunciou assédio sexual e desigualdade de salários e oportunidades no local de trabalho; #NiUnaMas no Chile (2018) e países de língua espanhola; ou mais protestos locais como o da Arábia Saudita para permitir às mulheres votar e dirigir (2006-17) e #BringBackOurGirls após os sequestros de meninas nigerianas (2014), são exemplos recentes de protestos que lutam pelos direitos das mulheres.

O conjunto de políticas necessárias em nível nacional e global para enfrentar as queixas descritas neste livro atravessa praticamente todas as áreas das políticas públicas, desde empregos, serviços públicos e proteção social até boa governança, falta de corrupção, tributação justa e direitos civis. Os governos precisam ouvir as mensagens vindas dos manifestantes. A maioria das demandas está em total conformidade com os Direitos Humanos e as metas de desenvolvimento das Nações Unidas acordadas internacionalmente. Líderes e legisladores presenciarão novos distúrbios se não ouvirem e agirem de acordo com as principais exigências dos manifestantes.

Referência:

World Protests: A Study of Key Protest Issues in the 21st Century

Autores: Ortiz, I., Burke, S., Berrada, M., Saenz Cortés, H.

Editora: Palgrave Macmillan (2022)

ISBN 978-3-030-88513-7 / DOI 10.1007/978-3-030-88513-7

Livro de livre acesso - download em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-88513-7>

Visite o site: <https://worldprotests.org/>